

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS QUE ENVOLVEM O AUTISTA NA INFÂNCIA

Karen Hisley Goes Mafra

Resumo

A criança autista enfrenta obstáculos no seu desenvolvimento social, tendo em vista as dificuldades no manejo desse quadro clínico. Esta pesquisa foi realizada tomando como base a seguinte pergunta norteadora, quais são os impactos psicossociais que envolvem o autista na infância? Esse trabalho analisa os prejuízos psicossociais que permeiam a criança autista. Trata-se de estudo de abordagem exploratória qualitativa em fontes secundárias, por meio de levantamento bibliográfico, realizado nas bases de dados de acesso livre. Foram incluídos artigos originais, revisão de literatura ou relato de experiência, artigos com resumos e complementos disponíveis para análise, publicados nos idiomas português e inglês, entre os anos 2005 e 2021, e artigos que contivessem em seus títulos e/ou resumos os seguintes descritores: ‘autismo’, ‘família’, ‘escola’, ‘inclusão’, ‘comunicação’ e ‘aspectos psicossociais’. Resultou em uma amostra final de 14 artigos. Assim, foi possível traçar os principais prejuízos psicossociais sofridos pela criança com Transtorno do Espectro Autista nos ambientes escolar e familiar, demonstrando a importância desses agentes na abordagem dessa questão. Verifica-se que é essencial a existência de uma equipe de profissionais educacionais treinados, qualificados e preparados para um bom aprendizado e manejo da criança autista, e um acolhimento familiar desse grupo social.

Palavras-chave: Autismo. Infância. Impactos.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar os prejuízos psicológicos e sociais que permeiam a criança autista e as terapias que traduzem um certo resultado eficiente para a solução da questão, respondendo à pergunta norteadora, quais são os impactos psicossociais que envolvem o autista na infância? Para isso, é preciso chegar em uma abordagem que avalie as características similares do TEA (Transtorno do Espectro Autista) em crianças e seus variados comportamentos para ser possível enfrentar os obstáculos sociais, familiares, escolares (Bhat *et al.*, 2014).

Deve-se avaliar a relação do autista frente a esses impactos de modo que, a família, escola e as intervenções terapêuticas respondam positivamente a essa questão como agentes e promotores do suporte físico, afetivo e emocional da criança (Souza e Souza, 2021).

A escola além de levar em conta as intercorrências do crescimento infantil, necessita incorporar meios que possibilitem a criança com autismo uma autonomia e respeite as suas vontades, para que garanta uma metodologia que valorize e incentive as suas habilidades. No entanto, observa-se uma dificuldade no manejo dessas crianças pelos profissionais, que relatam

os obstáculos propostos pelo autista inserido nas salas de aula de ensino comum, como crises comportamentais, falhas na comunicação e socialização.

Além disso, a família necessita estar em uma posição de apoio estrutural e emocional, investindo o seu tempo na qualidade de vida da criança, de forma que ela se sinta acolhida e segura em sua própria casa. Porém, muitas vezes, acontece de a família ter uma quebra da expectativa criada de filho “ideal”, passando por um estresse familiar, ocasionando uma falha de comunicação com a criança. Dessa forma, torna-se essencial a compreensão da problemática por meio da análise desse trabalho, já que, grande parte da sociedade não está preparada para auxiliar o processo de crescimento das crianças com autismo (Rodrigues; Fonseca e Silva, 2008).

Desenvolvimento

Segundo o Ministério da Saúde, o autismo, distúrbio do neurodesenvolvimento definido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) pela literatura médica atual, refere-se a grupos vastos de transtornos e síndromes que apresentam sintomas similares entre si, sendo descrito pela primeira vez em 1943, pelo médico austríaco Leo Kanner (Brasil, 2014).

Sendo assim, os seus variados comportamentos, como problemas na comunicação verbal e não verbal, estereotípias (movimentos repetitivos), *flap* (sacudir as mãos), intolerância a ruídos, ausência de contato visual, inversão pronominal (referência a si mesmo pelo nome ao invés de utilizar o pronome “eu”), isolamento social parcial ou severo, ecolalia (repetição da fala do outro fora do contexto), dificuldade na aprendizagem, no desenvolvimento cognitivo e na manutenção de vínculos, são obstáculos enfrentados pelo portador do autismo nos âmbitos sociais, familiares, escolares que necessitam de uma intervenção terapêutica. (Bhat *et al.*, 2014).

A preparação familiar para lidar com um novo integrante pode gerar problemas ao casal principalmente quando se trata de uma criança com necessidades especiais. Desse modo, a relação conjugal está propícia a um desequilíbrio e mudança nas conformações predispostas à família. Quando se analisa a interação familiar, a criança autista requer muito tempo do casal, e uma sobrecarga exigida de uma maior responsabilidade por parte de ambos. (Rodrigues; Fonseca e Silva, 2008).

Partindo do pressuposto dos impactos do TEA nas relações familiares, de acordo com Kanner (1943), os pais dessas crianças são intelectualmente dotados e afetivamente frios,

gerando uma interpretação de que o problema do transtorno invasivo do desenvolvimento seria culpa dos próprios pais. Tal pensamento, se legitimou por muito tempo, perpassando-se até os dias atuais, de modo que, pode-se perceber uma cobrança exaustiva das famílias em responder à pergunta: o que fizemos de errado? Porém, ao analisar sob outro viés, os pais são os principais promotores permanentes de períodos de dedicação e cuidado, devendo ser desfeito alguns valores arcaicos, de culpabilização familiar.

Para Rodrigues; Fonseca e Silva (2008), quando se estabelece um cuidado direcionado e com orientação, a criança com autismo pode proporcionar à família vários aspectos positivos além do seu crescimento psicossocial. Tais ganhos devem ser reconhecidos pelas próprias relações familiares e se encontra na bifurcação entre dois caminhos, como o:

- Conhecimento familiar a respeito do problema e sua mobilização em equipe, que pode resultar em maiores laços familiares e afetivos;
- Acolhimento humanizado para amenizar os impactos do transtorno do espectro autista nas crianças, favorecendo seu pleno desenvolvimento.

É preciso, avaliar a relação familiar em resposta aos impactos psicossociais que envolvem a criança autista, de modo que, a família, responda positivamente a essa questão como agente promotor do suporte físico, afetivo e emocional. A compreensão familiar aliada com as oportunidades educativas será um fator determinante na qualidade de vida da criança e o desenvolvimento das suas habilidades mesmo com algumas limitações. (Souza e Souza, 2021).

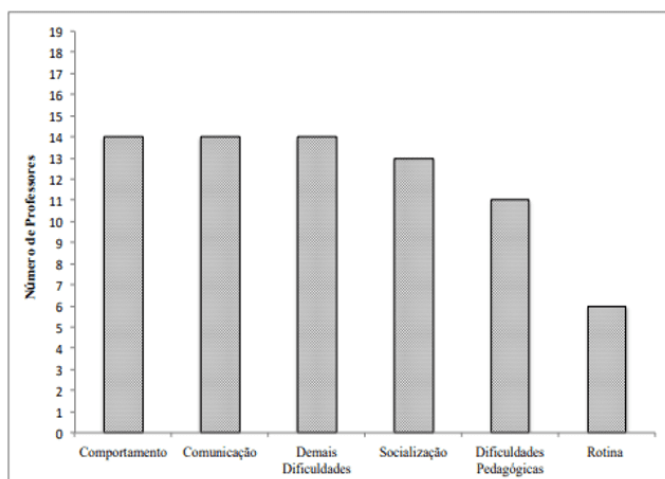
Além das questões supracitadas que perpassam a família, a escola também deve ser considerada como um agente preponderante no desenvolvimento dessa criança autista, o que evidencia a necessidade da compreensão dos principais aspectos que envolvem esse indivíduo nesse ambiente.

O Estatuto da Pessoa com Deficiência reforça a importância e o direito à educação de indivíduos portadores de deficiências, sendo evidenciada a oportunidade de ingresso em escolas de ensino comum, em todos os níveis (Brasil, 2015). Assim, é direito de crianças com TEA participarem de atividades no ensino regular, sendo genuinamente atendidas e incluídas, contribuindo para um espaço rico em diversidade – aspecto fundamental não só para os indivíduos autistas, mas para todos desse meio social (Mattos e Nuremberg, 2011).

Para isso, é necessária a compreensão das demandas desse grupo social, respeitando suas limitações e valorizando suas capacidades. No entanto, tal premissa não é devidamente

praticada, tendo em vista o despreparo profissional para a abordagem das crianças autistas e as dificuldades encontradas no cotidiano das professoras.

Gráfico 1- Dificuldades encontradas pelas professoras



Fonte: Camargo et al. (2020).

No gráfico acima é abordado os principais problemas vivenciados pelas professoras no convívio com alunos com TEA Assim, essas crianças costumam apresentar sua comunicação restrita aos gestos e à emissão de sons, assim, quando não são compreendidas, explodem emocionalmente e podem ter comportamentos agressivos, rompendo os laços sociais, tendo como resultado o isolamento, o que dificulta a socialização com seus pares e o processo de ensino-aprendizagem. (Mattos e Nuremberg, 2011).

Além disso, os autistas apresentam dificuldades comportamentais, muitas vezes, interpretadas como “birra” e “pirraça” pelos profissionais, principalmente em situações de frustração, insatisfação e incompreensão. Outrossim, para sanar esses episódios reativos, na maioria das vezes, as professoras utilizam métodos pouco efetivos, evidenciando a necessidade da promoção de cursos de capacitação mais aprofundados e práticos, para fornecer um ensino de qualidade e totalmente inclusivo (Camargo et al., 2020).

Segundo Francês e Mesquita (2021), deve ser considerada a voz da criança para a garantia de um ensino mais prazeroso. Para isso, os espaços e as regras têm que ser mais flexíveis, considerando as peculiaridades das crianças com TEA, e os adultos precisam conhecer e respeitar suas realidades, não tratando a deficiência como preponderante, mas tendo em vista que a própria infância tem suas intercorrências.

Conforme Nunes; Barbosa e Nunes (2021), uma maneira efetiva de intervir no processo de aprendizagem dessas crianças, estimulando a linguagem, possibilitando autonomia e independência, seria a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), que é caracterizada pelo

estabelecimento do diálogo – por vias adequadas e diferenciadas – conciso e construtivo entre as crianças, seus pares e os profissionais educadores. Além disso, a CAA deve ser implantada em ambientes escolares regulares, representando um local de maior naturalidade, e para efetivação dessa linguagem, são utilizados Suportes Visuais (SV) para estimular as habilidades comunicativas e comportamentais. Assim, os SV são definidos por pictogramas e utilizados para as crianças autistas solicitarem objetos e permissões, informar sobre seus sentimentos e organizarem suas rotinas, sendo esses símbolos gráficos construídos durante as interações sociais, e não apenas implantados, sem nenhuma significância para o aluno. Tal fato ocorre pela tendência ao apego visual desse grupo.

Dessa forma, esses diferentes meios de comunicação e interação promovem uma maior participação dos indivíduos com TEA, apresentando-se fundamental a mediação pedagógica na inter-regulação para a efetivação de uma posterior autorregulação, estabelecendo relações entre o objeto real, a imagem fotográfica, a ilustração e a palavra, sendo ela verbal e escrita.

Ademais, concomitante ao acolhimento familiar e o melhor preparo profissional para efetivar um ensino de qualidade para os autistas, evidencia-se a relevância da abordagem das possíveis terapias alternativas que estão sendo estudadas para minimizar os impactos psicossociais que envolvem a criança com TEA.

Considerações Finais

Com base na pesquisa desenvolvida foi possível traçar os principais prejuízos psicossociais sofridos pela criança com Transtorno do Espectro Autista nos ambientes escolar e familiar, demonstrando a importância desses agentes na abordagem dessa questão, concomitante às intervenções terapêuticas, sejam elas tradicionais e/ou alternativas. Com isso, foi possível responder à pergunta norteadora proposta, quais são os impactos psicossociais que envolvem o autista na infância? Compreendendo-se que a criança tende a se isolar caso não for compreendida, tem uma comunicação restrita e um comprometimento nas interações sociais, ocasionando estresse familiar e dificuldade de manejo dos professores.

Desse modo, verifica-se que é essencial a existência de uma equipe de profissionais educacionais treinados, qualificados e preparados para um bom aprendizado da criança autista, e um acolhimento familiar desse grupo social, além das intervenções terapêuticas. Pelo motivo de que os autistas necessitam de uma inserção efetiva no contexto social, sendo a escola um ambiente de grande interação social que facilita o desenvolvimento cognitivo e a família um agente que proporciona acolhimento à criança.

Apesar da compreensão da importância do olhar voltado às crianças autistas no contexto social, a partir da realização deste artigo, notou-se, infelizmente, que o Brasil ainda é muito carente em políticas públicas que visem informar os pais sobre as necessidades de se atentar à identificação e aos cuidados com uma criança autista. Portanto, conhecer os prejuízos que englobam esses contextos permite uma intervenção satisfatória, sendo o diagnóstico precoce essencial para a minimização do problema.

Referências

BHAT, Shreya et al. Autism: cause factors, early diagnosis and therapies. **Reviews in the Neurosciences**, vol. 25, n. 6, p. 841-50, 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. 2014.

BRASIL, Presidência da República. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher *et al.* Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

DE SOUZA, Rachell Fontenele Alencar; DE SOUZA, Júlio César Pinto. Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista. Perspectivas em Diálogo: Revista de educação e sociedade, v. 8, n. 16, p. 164-182, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.55028/pdres.v8i16.10668>>. Acessado em: 04 de abril de 2024.

FRANCÊS, Lyanny Araujo; MESQUITA, Amélia Maria Araújo. As experiências nos espaços-tempos da escola sob o olhar de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021..

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**, v1,.1,p.129-141,

NUNES, Débora Regina de Paula; BARBOSA, João Paulo da Silva; NUNES, Leila Regina de Paula. Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021.

RODRIGUES, Leiner Resende; FONSECA, Mariana de Oliveira; SILVA, Fernanda Ferreira. Convivendo com a criança autista: sentimentos da família. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 321-327, 2008. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/272..>